

ANÁLISE DA MÚSICA “PARABÓLICACAMARÁ” DE GILBERTO GIL SOB A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA E SUA POTENCIALIDADE PARA O ENSINO¹.

Francisco Tomaz de Moura Júnior Correio/UFG-Jataí/fthomaz-junior@hotmail.com

RESUMO O presente trabalho tem por objetivo a análise à letra da música “Parabolicamará” de Gilberto Gil, gravada em 1991, no disco de mesmo nome que, por sua vez, foi lançado em janeiro de 1992, buscando sua potencialidade de uso para o ensino de um fenômeno tão presente: a globalização. Tal disco traz na capa a imagem de um cesto com formato de antena. O título da música, segundo o próprio autor, faz a junção da parabólica, “antena onipresente hoje mesmo nos recantos mais pobres do Brasil” com camará, forma reduzida como os jogadores de capoeira, luta-dança afro-brasileira, usam se chamar, camaradas, enquanto cantam e dançam. Deste modo, busca-se compreender, baseado na análise do discurso foucaultiana em que o enunciado é uma função que não se limita as estruturas da língua, mas faz com que estas se realizem concretamente no tempo e no espaço, sendo fruto de uma relação de poder-saber, deve, o analista, restringir-se a análise ao nível das palavras, dos ditos, cabendo-nos, assim, investigar as condições históricas de produção do enunciado que permitiu que o autor enunciasse desta forma e não de outra, qual o contexto musical pertence, e quais discursos a ela se ligam. Com o objetivo de realizar de forma clara e objetiva tal análise dividimos o artigo em quatro partes: a introdução em que é apresentada a opção por Foucault e por essa música, num segundo momento busca se identificar a produção enunciativa, para que posteriormente, numa terceira parte, se possa discutir a análise do próprio enunciado, a letra da música, por fim, já caminhando para um fechar, num quarto momento, poderá ser observar a potencialidade de uso dessa construção discursiva para se tratar dentro da sala de aula e de forma lúdica o ensino e compreensão do fenômeno da globalização tão presente nos dias atuais e ao qual se ligam outros diversos discursos, sendo, melhor representada na música pelo fenômeno do “encurtamento” das distâncias.

Palavras-chave: Parabolicamará; Análise do discurso foucaultiana; Potencialidade de uso; Ensino; Globalização.

MUSIC ANALYSIS “PARABOLICACAMARÁ” OF GILBERTO GIL IN FOUCAULT'S PERSPECTIVE AND ITS POTENTIAL FOR TEACHING

ABSTRACT This paper aims at analyzing the lyrics "Parabolicamará" Gilberto Gil, recorded in 1991, as eponymous disc, in turn, was released in January 1992, seeking their potential use for teaching a phenomenon as this: globalization. This album features the cover image of a basket with antenna format. The song title, according to the self itself, is joined to the satellite, "ubiquitous antenna today in the poorest corners of Brazil" with chamber, reduced how capoeira players, african-Brazilian dance-fight, use call, comrades, as they sing and dance. Thus, we seek to understand, based on the analysis of Foucault's speech in which the statement is a function that is not limited language structures, but makes these take place precisely in time and space, being the result of a relationship power-knowledge, should the analyst, restricting the analysis to the level of words, said, leaving us thus investigate the historical conditions stated of the production that allowed the author was stating this way and not another, which the musical context belongs, and which talks to her bind. In order to

¹Texto apresentado no 2º ENCONTRO DE LICENCIATURAS DO SUDOESTE GOIANO. 21 a 23/05/2015. UFG/Regional Jataí.

carry out clear and objective manner such analysis divided the article into four parts: the introduction that presents the option by Foucault and this song, second seeks to identify the enunciation production so that later, a third part, they can discuss the analysis of the statement itself, the lyrics, finally, already heading for a close, a fourth time, you may notice the potential use of this discursive construction to deal with in the classroom and in order playful teaching and understanding of the phenomenon of globalization as this nowadays and which bind several other speeches, being better represented in music by the phenomenon of "shortening" of distances.

Keywords: Parabolicamará; Analysis of Foucault's discourse; Potential use; Education; Globalization.

Introdução

A motivação deste trabalho reside na proposta, dentro da disciplina de Introdução aos Pensamentos de Michel Foucault, ministrada no primeiro semestre de 2015, de se tentar analisar um discurso que, obrigatoriamente, deveria ter por base à análise do discurso foucaultiana, tendo o intuito de fazer com que, a partir daí, buscasse olhar as verdades, os discursos postos de forma mais crítica. Soma-se a isso o interesse em pensar a educação e seus métodos de ensino de forma a encontrar práticas que rompam com o monologo ensaiado pelo professor e proporcione certo dialogismo dentro da sala de aula, uma vez que o professor se faz ao ensinar e o aluno ensina ao aprender.

Deste modo, chegamos a seguinte questão: por que Foucault? Concordamos com Sommer (2007), quando este afirma que:

A opção por uma análise de discurso de inspiração foucaultiana envolve considerar uma série de precauções propostas pelo filósofo, a começar pelo estabelecimento de uma distinção, qual seja, a de que a noção de discurso rompe com os sentidos correntes do campo da linguística, calcados no binarismo significante-significado. (SOMMER, 2007, p. 58).

Ou seja, a opção por Foucault dentre outros motivos, refere-se ao fato de que para este autor o discurso vai muito além da mera dicotomia fala/língua, sendo, a primeira um fenômeno psicológico individual fruto do ato único do sujeito e a língua como um fenômeno social, como foi defendido por teóricos da linguística, contrapondo-se a isso o filósofo defende o discurso como reflexo direto do contexto social, do momento histórico em que é produzido, uma vez que,

(...) Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjugar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (...) Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. (FOUCAULT, 1999, p. 8-9).

Tendo, assim, que obedecer a uma ordem discursiva preconizada pelo regime de verdade, pelo que se pode ou não dizer dentro de um contexto histórico, ideia muito bem sintetizada por Revel:

Trata-se, conseqüentemente, de reconstituir uma verdade produzida pela história e isenta de relações com o poder, identificando ao mesmo tempo as coerções múltiplas e os jogos, na medida em que cada sociedade possui seu próprio regime de verdade, isto é, “os tipos de discurso que elas acolhem e fazem funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros ou falsos, a maneira como uns e outros são sancionados; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o poder de dizer aquilo que funciona como verdadeiro”. (REVEL, 2005, p. 86).

Outro ponto fundamental deste trabalho é por que “Parabolicamará”? A escolha dessa música em especial reside no fato de que, como será demonstrado, o autor, Gilberto Gil, conseguiu com maestria representar um fenômeno geográfico que hoje nos é tão comum: a globalização, em específico, as suas facetas do “encurtamento” das distâncias, da percepção do tempo sincopado e a intensificação do meio técnico-científico-informacional. Cabe-nos, contudo, antes de chegar ao cerne da análise e sua aplicabilidade dentro da sala de aula entender como se deu sua produção enunciativa.

Produção enunciativa

“Parabolicamará” é uma música gravada em 1991 e lançada no ano seguinte, 1992, num álbum de mesmo nome. Seu título é um neologismo formado pelas palavras: parabólica, instrumento com finalidades televisivas e um dos mais avançados e difundidos no período, lembrando que, ainda, em 1991/1992 computadores e a internet não se apresentavam acessíveis as classes menos abastadas, a parabólica, todavia, estava presente mesmo nas regiões mais pobres do país. O segundo termo, camará, forma reduzida da palavra camarada, modo comum como os jogadores de capoeira se chamam dentro da roda no momento de exercício da dança-luta-arte.

Nas palavras do artista:

Eu queria fazer uma canção falando dos contrastes entre o rural e o urbano, o artesanal e o industrial, usando um linguajar simples, típico de comunidades rudimentares, e uma cadência de roda de capoeira. Aí, compondo os primeiros versos, quando me ocorreu a palavra “antena” - seguida de “parabólica” - para rimar com “pequena”, eu pensei em “camará” [palavra usada comumente nas cantigas de capoeira como vocativo] para completar a linha e a estrofe. Como “parabólica camará” dava um cacófato, eu cortei uma sílaba “ca” e fiz a junção das palavras, criando o vocábulo “parabolicamará”. Uma verdadeira invenção concretista; uma concreção perfeita em som, sentido e imagem. Nela, como um símbolo, vinham-me reveladas todas as interações de mundos que eu queria fazer. Aí se tornou

irrecusável prosseguir e, mais, fazer daquilo um emblema do conceito, não só da canção, mas de todo o disco (Parabolicamará). (GIL, 2009).

Outro ponto importante na produção dessa música é a imagem escolhida pelo autor para representar a capa do álbum. A imagem é composta por um cesto de palha instrumento frequentemente usado por mulheres, brasileiras e africanas, para carregar objetos na cabeça. A partir do cesto se alongam três hastes que se encontram e estão amarradas entre si (Figura 1), dando o aspecto de uma parabólica. Além disso, pode-se perceber ao fundo da figura uma rede representativa dos inúmeros “links” dos quais fazemos parte.

Para Foucault, “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (FOUCAULT, 1999, p. 26), deste modo, o discurso é reflexo de uma prática social de um dado período, devendo jamais ser analisado de forma descontextualizada, ou seja, “não se pode compreender o conceito foucaultiano de discurso desvinculando-o de uma prática, pois esta lhe é inerente” (PANIAGO, 2005, p. 32). Cabe-nos, então, identificar qual prática é geradora de novo discurso.

Figura 1 – Capa do Álbum Parabolicamará



Fonte: http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_interno.php?id=31

Todos esses avanços técnicos e tecnológicos ocorridos pós década de 80 e captados por Gil como a difusão da parabólica são reflexos daquilo que Milton Santos (2008) denominou de meio técnico-científico-informacional que são o conjunto dos avanços científicos materializados em técnicas (entendendo-se estas como qualquer ferramenta que modifique a forma de interação do homem com o meio) que alteram o modo como os sujeitos

se comportam (SANTOS, 2008), fazendo com que o período atual, a globalização, se diferencie de todos os períodos anteriores.

A fase atual da história da Humanidade, marcada pelo que se denomina revolução científico-técnica, é frequentemente chamada de período técnico-científico. Em fases anteriores, as atividades humanas dependeram da técnica e da ciência. Recentemente, porém, trata-se da interdependência da ciência e da técnica em todos os aspectos da vida social, situação que se verifica em todas as partes do mundo e em todos os países. (SANTOS, 2008, p. 117).

Após essa tentativa de caracterização do contexto em que o enunciado fora produzido passemos, agora, a sua análise propriamente dita.

Análise do enunciado

Para a análise da música “Parabolicamará”, obedeceremos ao princípio da externalidade defendido por Foucault, ou seja, restringir o nível da análise ao enunciado, ao dito, como preconiza o filósofo francês:

Não passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras. (FOUCAULT, 1999, p. 53).

A música é composta por sete estrofes de tamanhos diferentes e tocada acompanhada por instrumentos da cultura negra como o berimbau apresentando mais um elemento da genialidade de Gil em juntar diversos elementos para representar a globalização. A seguir veremos a letra da música:

Parabolicamará - Gilberto Gil

Antes mundo era pequeno	Perto, só quando dava
Porque Terra era grande	Quando muito, ali defronte
Hoje mundo é muito grande	E o horizonte acabava
Porque Terra é pequena	Hoje lá trás dos montes, den de casa, camará
Do tamanho da antena parabolicamará	Ê, volta do mundo, camará
Ê, volta do mundo, camará	Ê, ê, mundo dá volta, camará
Ê, ê, mundo dá volta, camará	
Antes longe era distante	De jangada leva uma eternidade
	De saveiro leva uma encarnação

	Ê, volta do mundo, camará
Pela onda luminosa	Ê, ê, mundo da volta, camará
Leva o tempo de um raio	
Tempo que levava Rosa	De jangada leva uma eternidade
Pra aprumar o balaio	De saveiro leva uma encarnação
Quando sentia que o balaio ia escorregar	De avião, o tempo de uma saudade
Ê, volta do mundo, camará	
Ê, ê, mundo dá volta, camará	Esse tempo não tem rédea
	Vem nas asas do vento
Esse tempo nunca passa	O momento da tragédia
Não é de ontem nem de hoje	Chico, Ferreira e Bento
Mora no som da cabaça	Só souberam na hora do destino apresentar
Nem tá preso nem fogue	Ê, volta do mundo, camará
No instante que tange o berimbau, meu camará	Ê, ê, mundo dá volta, camará

Em diversas passagens da música, observam-se traços que são reflexo do período em que Gilberto Gil a compôs como: a nova difusão do aparato tecnológico, presente em diversas passagens, sendo representativas as palavras: “parabólica”, presente no próprio título e “avião”, presente no último verso da sexta estrofe.

O fenômeno do “encurtamento” das distâncias, por sua vez, já existente desde o final da Segunda Guerra Mundial, porém, é a partir dos anos 70-80 que começa a ser vivenciado com maior intensidade, podendo ser identificado nos versos 1-4 da primeira estrofe, “Antes mundo era pequeno/ Porque Terra era grande/ Hoje mundo é muito grande/ Porque Terra é pequena/ Do tamanho da antena parabólicamará”, quando é apresentada a ideia de que antes do meio técnico-científico-informacional o “mundo era pequeno”, ou melhor, o mundo conhecido, porque a “Terra era grande”, ou seja, a Terra não conhecida era vasta; todavia, a partir desse desenvolvimento tecnológico e de suas ferramentas: a antena parabólica, instrumento televisivo por excelência que permite um conhecimento, ainda que superficial, das diversas partes do globo, o avião, que permite longos deslocamentos em curto espaço de tempo, o que tornam a Terra pequena, como coloca o autor quando afirma que “Hoje o mundo é muito grande”, aquele mundo do qual o sujeito tem conhecimento, devido

ao fato de que a “Terra é pequena”, pois agora se conhece, mesmo que apenas por um relance televisivo, todas ou quase todas, suas partes.

Na segunda estrofe, também nos versos 1-4, Gil reforça essa ideia: “Antes longe era distante/ Perto, só quando dava/ Quando muito, ali defronte/ E o horizonte acabava”. Tais versos são representativos da noção de espaço do sujeito pretérito, uma vez que sua espacialidade estava limitada ao seu espaço vivido (TUAN, 1983).

Ainda sobre o “encurtamento” das distâncias já, meio que introduzindo a noção de tempo lento-tempo rápido, nas estrofes 3, “De jangada leva uma eternidade/ De saveiro leva uma encarnação” e 6, “De jangada leva uma eternidade/ De saveiro leva uma encarnação/ De avião, o tempo de uma saudade”, o artista faz um jogo entre os tempos, rápido e lento, e com as distâncias, lembrando que “saveiro” é um tipo de embarcação, não o carro como estamos comumente acostumados a pensar.

O fenômeno do “tempo rápido” e sua ciclicidade podem ser vistos nos versos 1-5 da estrofe 4: “Pela onda luminosa/ Leva o tempo de um raio/ Tempo que levava Rosa/ Pra aprumar o balaio/ Quando sentia que o balaio ia escorregar” e os versos 1 e 2 da estrofe 7: “Esse tempo não tem rédea/ Vem nas asas do vento”, além dos dois últimos versos das estrofes 1, 2, 4, 5 e 7, em que o autor apresenta de forma contundente a noção de ciclicidade: “Ê, volta do mundo, camará/ Ê, ê, mundo dá volta, camará”.

Sobre essa noção de tempo Gilberto Gil afirma que:

Em Parabolicamará pus o tempo existencial, psíquico, em contraposição ao tempo cronológico - a eternidade, a encarnação e a saudade à jangada e ao saveiro - e estes dois ao avião -, para insinuar o encurtamento do tempo-espaço provocado pelo aumento da rapidez dos meios de comunicação física e mental do mundo-tempo moderno e das velocidades transformadoras em que vivemos. Pus também o tempo subatômico, da partícula, da subfração de tempo; do átomo de tempo - cuja imagem mais representativa é exatamente a correção equilibradora que a Rosa faz com o balaio. E pus por fim o tempo da morte, o tempo-corte, o tempo que corta, ceifa, o tempo-foice, onde alguma coisa é e de repente foi-se, lembrando - na citação dos caymmianos Chico, Ferreira e Bento - a morte do meu filho: a situação, segundo se imagina, de ele meio sonolento no volante do carro sendo subitamente assaltado pelo evento acidental que o levaria à morte. (GIL, 2009).

É ainda notável nessa afirmação do artista a presença do interdiscurso, podendo este ser definido por Orlandi (1992) como:

O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e linguisticamente definido. Pelo conceito de interdiscurso, Pêcheux nos indica que sempre já há discurso, ou seja, que o enunciável (o dizível) já está aí e é exterior ao sujeito enunciativo. Ele se apresenta como séries de formulações que derivam de enunciações distintas e dispersas que formam em seu conjunto o domínio da memória. Esse domínio constitui a exterioridade discursiva para o sujeito do discurso. (ORLANDI, 1992, p. 89-90).

Essa interdiscursividade trazida por Gil refere-se à outra música, “A Jangada Voltou Só” composta e gravada 1941 por Dorival Caymmi que tem como primeira estrofe o seguinte enunciado: “A jangada saiu/ Com Chico Ferreira e Bento/ A jangada voltou só”.

Agora tentaremos, a partir da análise da música pensar sua potencialidade para o ensino dentro da sala de aula.

Sua potencialidade para o ensino

Partirmos do pressuposto de que “no campo do conhecimento, a interpretação inter e multicultural é a regra” (DEMO, 2009, p. 19), nesse intuito buscamos a partir da música “Parabolicamará” que sintetiza pelo ritmo e pelos elementos (berimbau, roda de capoeira, etc.) da cultura afro-brasileira e traz no seu bojo um tema tão atual, a globalização, pensar a educação.

Desta forma, podemos enumerar as suas potencialidades para o ensino: 1) instrumento lúdico, ou seja, o fato de ser um instrumento lúdico o que não invalida seu potencial, ao contrário, ajuda a quebrar o monólogo que, com frequência, o professor ensaia frente à massa de alunos apáticos. 2) traz consigo a percepção das novas tecnologias, o avião, a antena parabólica, que hoje é ainda mais presente hoje, mesmo com a internet, do que na época de composição e gravação na década de 90.

Essa intensificação tecnológica faz com que as novas gerações, chamadas de nativos digitais, ou seja, aqueles que já nasceram dentro da “era digital”, faz com que tenham como naturalizada essa percepção do tempo sincopado e das distâncias como “curtas”, estando aí à potencialidade para o uso desta música: apresentar a globalização e desmistificá-la como um fenômeno construído e até certo ponto recente² na história da humanidade.

Para isso, é necessário que o educador analise junto com seus educandos a música apresentando-a em seus pormenores como a presença de elementos da cultura negra como exemplo o ritmo do berimbau, as menções à capoeira, dança-luta-arte legitimamente brasileira, contribuindo para que nesse processo de ensinar-aprender do professor e aprender-ensinar do aluno, ambos se constituem como cidadãos críticos.

² Apesar da polêmica entorno do surgimento da Globalização: surgida no século XVI com as Grandes Navegações ou no Pós-Guerra, acreditamos que as raízes do fenômeno como conhecemos hoje podem ser encontradas no Pós-Guerra, principalmente pelo desenvolvimento técnico e a difusão dos meios de transporte e de comunicação.

Considerações finais

Enfim, a partir dessa análise podemos compreender que a opção por uma análise foucaultiana reside no fato de que para o filósofo o discurso é parte integrante da realidade, sendo desta forma o reflexo do seu momento de produção.

Vemos ainda que o discurso, enquanto prática social obedece a um jogo de permissões e interdições o que irá possibilitar ou não que se diga algo em certa circunstância, uma vez que “é sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma ‘política’ discursiva que devemos reativar em cada um dos nossos discursos”. (FOUCAULT, 1999, p. 35).

Além dessa opção por uma análise que ultrapassa os postulados linguísticos, vemos na letra de “Parabolicamará” uma potencialidade para o ensino de geografia, representando de forma lúdica, mas não menos instrutivo, a globalização, sob seus aspectos das novas tecnologias, o “encurtamento” das distâncias, o tempo “rápido” e sua ciclicidade.

Por fim, “mais importante do que chamar a atenção para as várias formulações foucaultianas que nos ajudam a compreender o discurso, é ressaltar o papel que a linguagem exerce como elemento de constituição da realidade” (PANIAGO, 2005, p. 35), sendo “Parabolicamará” representativa de um período em que a Humanidade mostra uma interdependência nunca vista do meio técnico-científico-informacional o que altera diretamente sua percepção das distâncias e do tempo como, muito bem, captou Gilberto Gil, podendo ser perfeitamente utilizada como instrumento didático.

Referências

DEMO, P. **Educação hoje: "novas" tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5ª. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GIL, G. Parabolicamará. **Gilberto Gil**, 2009. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_info.php?id=386&letra>. Acesso em: 22 jun. 2015.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.

PANIAGO, M. D. L. F. D. S. **Práticas Discursivas de Subjetivação em Contexto Escolar (tese de doutoramento)**. Araraquara: UNESP, 2005.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico-informacional. 5ª. ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

SOMMER, L. H. A ordem do discurso escolar. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, jan/abr 2007. 57-67.

TUAN, Y.-F. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.